

## Capítulo 6

# VÁRZEA E GÊNERO: AMADORISMO, MASCULINIDADES E FUTEBOL DE MULHERES EM BELO HORIZONTE NOS ANOS 1970 E 1980

**Raphael Rajão Ribeiro**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

O objetivo do presente texto é debater questões de gênero no contexto de conformação de um circuito<sup>32</sup> do futebol de várzea em Belo Horizonte. Como destaca a bibliografia sobre o tema (Scott, 2005; Pedro, 2005), a imposição de diferenças baseadas na oposição entre os sexos, longe de ser natural, insere-se em dinâmicas sociais e históricas, com efeitos sobre os mais diferentes ramos da vida, incluindo-se o dos esportes. Nessa perspectiva, pode-se colocar em questão tanto lugares desempenhados por homens, como aquele performado por mulheres no universo do futebol amador, em busca de compreender como eles se transformaram ao longo do tempo.

Como tratado em outra ocasião (Ribeiro, 2021), a constituição de um *circuito* de várzea na capital mineira atravessou um longo processo que dialogou com fenômenos como a diferenciação entre clubes menores e aqueles que hegemonizaram as entidades dirigentes locais, com a ascensão do profissionalismo e, principalmente, com a implantação de uma política nacional desportiva, a partir dos anos 1940. Todo esse movi-

---

<sup>32</sup> A opção por denominar circuito o amplo universo de práticas desenvolvidas por equipes componentes de um meio esportivo formal e informal reconhecido como aderente ao futebol amador se dá, em especial, a partir do diálogo com dois autores (Myskiw, 2012; Damo, 2018).

mento foi circundado pelos esforços concomitantes para a conformação de um *circuito* do futebol espetáculo em Belo Horizonte.

Ao longo desse processo de criação de um universo apartado denominado de “a várzea”, grupos de praticantes que se reuniam a partir de vínculos diversos – de vizinhança, laborais, parentais etc. – passaram a integrar um mesmo *circuito*, estabelecendo relações entre si e, principalmente, vivenciando disputas esportivas em seu tempo livre. Tal experiência transbordava para outros aspectos do cotidiano desses indivíduos, com uma vida associativa que afetava esferas do lazer, da articulação comunitária e das disputas pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001).

Nessa medida, o *circuito* da várzea era atravessado pelas reconfigurações da paisagem urbana, reorganizando-se frente a essas modificações. Desde transformações do tecido da cidade, passando por renovações comportamentais, até alterações conjunturais da política local e nacional poderiam repercutir na dinâmica cotidiana do amadorismo. Nesse sentido, em busca de compreender de que forma as percepções de gênero foram afetadas em meio a esse universo, elegeu-se o foco nas décadas de 1970 e 1980, período durante o qual, por diferentes motivos, mudanças relevantes reposicionaram as percepções do que era ser homem e o que era ser mulher na várzea.

Para tanto, vale lembrar que a organização das atividades esportivas dos clubes varzeanos, com a montagem de suas equipes e de suas disputas, sempre teve como referência um grupo específico: o homem adulto jovem. Eram nos primeiros e nos segundos quadros das agremiações que se concentravam suas atividades atléticas. Enquanto o time principal reunia os mais qualificados, seja por sua técnica ou por seu vigor, a formação secundária compunha-se dos ainda muito novos, ou dos mais velhos, ou daqueles não tão hábeis ou não tão em forma. Cabia a esses dois conjuntos ocuparem posição de destaque na programação dos festivais, aventurarem-se em excursões e ingressarem nos torneios.

Ao examinar a virilidade operária europeia, Thierry Pillon (2013) aponta que:

Sem dúvida, os valores da combatividade e do esforço nem por isso desapareceram completamente. Eles se encontram nos mais jovens, nesses “últimos bastiões da expressão da virilidade” que são as práticas desportivas, os jogos coletivos, principalmente o futebol, por exemplo, em que uma relação masculina se mantém e se reproduz ao sabor dos desafios e dos arrebatamentos. Demonstração pública das qualidades físicas da combatividade, da agressividade; valorização do poder, da resistência à dor; ritos coletivos, tal como a ducha. (Pillon, 2013, p. 391)

A demonstração de tais qualidades, que seriam a base de uma noção de virilidade, podia ser encontrada, principalmente, entre adultos jovens, com compleição física formada e no auge de suas energias<sup>33</sup>. Eram embates entre conjuntos compostos por esses atletas aqueles capazes de oferecer as partidas mais absorventes, no sentido proposto pelo antropólogo Clifford Geertz<sup>34</sup>. Para eles voltavam-se os olhares das comunidades, inclusive o interesse feminino. Como relatou Márcio Rodrigues de Lima, o “Marcinho”, dirigente do Montanhês Atlético Clube: “Oh, Bicho! Todo mundo queria ser namorada de jogador do Montanhês, cara. Era status. ‘Ah, sou namorada do Jorge, Jorge Batom que é jogador do Montanhês’. ‘Eu sou namorada do Zé Carlos Dengo que é jogador’. ‘Sou namorada do Coca’” (Lima, 2018). Reconhecidos por aqueles e aquelas que acompanhavam as agremiações como símbolos de masculinidade, os atletas eram alvo da admiração alheia.

O fato de esse grupo centralizar as atenções e os investimentos dos clubes não significava que a modalidade se restringia a ele. Em horários menos disputados e com menor repercussão, homens de outras faixas etárias se envolviam com a prática. Mudanças na várzea, a partir dos anos 1970, faziam com que suas possibilidades e o interesse em torno deles aumentassem.

---

<sup>33</sup> Julio Frydenberg identifica aspectos parecidos entre futebolistas argentinos do início do século XX (Frydenberg, 2011).

<sup>34</sup> Ao investigar a rinha de galo em Bali, Geertz nota a forte identificação que aquelas disputas eram capazes de promover entre a assistência, cunhando a noção de jogo absorvente (Geertz, 1989).

## AS CATEGORIAS MENORES

A ocupação dos campos de várzea pelos mais novos trata-se de um movimento esperado, tendo em conta o desenrolar do futebol como fenômeno social em Belo Horizonte. Nos anos iniciais do século XX, ruas, praças e parques da cidade eram tomados por garotos que corriam atrás de uma bola (Ribeiro, 2018). Desde a institucionalização do amadorismo na capital mineira, com a criação do Departamento de Futebol Amador (DFA), em 1948, como parte da Federação Mineira de Futebol, observava-se a manutenção de competições para categorias de juvenis e aspirantes, voltadas para jogadores adolescentes e recém-ingressos na idade adulta (O D.F.A. não cuida do futebol juvenil, 1949). Tal medida, que não contava com o entusiasmo das agremiações varzeanas locais, respondia a demandas de uma política nacional de esportes, preocupada com os fins educacionais e formativos da prática (Souza, 2008).

Se por um lado havia a pressão estatal e das entidades dirigentes para a manutenção de categorias menores, por outro, como apontou Simoni Guedes ao examinar escolinhas fluminenses nos anos 1990, os treinos com crianças e adolescentes respondem à demanda de socialização esportiva que se conecta à construção de um corpo masculino (Guedes, 1998). Era na experiência de disputas entre garotos que se forjavam os jogadores que integrariam o primeiro quadro<sup>35</sup>. Não raro, atletas tinham trajetórias por todas as etapas de uma agremiação até alcançar o conjunto principal (Pereira, 2016).

Apesar da importância da socialização esportiva, não havia grande interesse na promoção das atividades regulares para as equipes das categorias menores<sup>36</sup>. Volta e meia elas compunham a programação de festivais esportivos, sempre nos horários iniciais, ou eram objeto de torneios avulsos (Torneio “Elio Mosci”, 1950). Havia alguns poucos clubes dedi-

---

<sup>35</sup> Eduardo Archetti chama a atenção para a passagem da condição de garoto para homem como um dos pontos chave da construção da masculinidade, em especial a esportiva (Archetti, 2016).

<sup>36</sup> Em 1949, a Liga Esportiva Suburbana propôs disputas das categorias infantis, infanto-juvenil, juvenil e aspirantes, competições que não tiveram vida longa, dada a extinção da entidade. (Majoradas as taxas da LES, 1949).

cados exclusivamente às classes infantil e juvenil (5º aniversário do Natal FC, 1962; Ribeiro, Araújo, 2017).

A distribuição das categorias, especialmente entre as crianças, reunia garotos de idades diversas, com compleições físicas díspares. Como recordou Márcio Antônio Coelho, o “Grapete”, do Inconfidência Esporte Clube: “Do petiz que passava para o juvenil direto. Era outro rabo que você pegava. Os meninos, deixa eu falar com você, o jogador subia muito novo. [...] antigamente, o jogador de 11 anos tinha que jogar com o de 15 anos. A diferença é muita, é igual na minha época” (Coelho, Vale, Jesus, Monteiro, 2016). Com divisão pelas classes de petiz, infantil, juvenil e aspirantes – também chamado “juvenil estourado” (Almeida Filho, Dias, Almeida, 2016) –, as disputas atendiam, em essência, à socialização e ao lazer dos menores.

Mudanças no futebol espetáculo repercutiam na forma como o amadorismo entenderia as categorias menores. Por um lado, a partir dos anos 1960, a várzea aos poucos perde a sua condição de “celeiro de craques”, com o advento da ideia científica de formação do atleta e com a noção da conformação do gesto esportivo (Florenzano, 1998, p. 31-43), as quais desaconselhavam a passagem direta, comum até os anos 1950, do jogador varzeano adulto às equipes profissionais.

Por outro lado, a constituição mais sistemática de categorias de bases nos clubes profissionais hegemônicos, com o prognóstico de formação do atleta dentro de uma metodologia científica desde o final da infância (Florenzano, 1998, p. 36-43), reposicionaria o papel do *circuit*o varzeano no sistema de abastecimento do futebol profissional com novos talentos. Não seria mais a oferta do jogador adulto, já formado, mas sim o fornecimento de adolescentes aptos, cujos gestos precisariam ser moldados, a maior contribuição do amadorismo ao desenvolvimento do espetáculo esportivo.

Em meados dos anos 1960, pode-se identificar a promoção, por veículos de imprensa, de competições de garotos, como o Campeonato dos bairros realizado pelo Estado de Minas, que aceitava inscrições de meninos de 9 a 16 anos (Lima, 1964). Uma preocupação maior com as categorias de formação se expressaria alguns anos depois, em 1970, no Campeonato dente de leite, organizado pelos Diários Associados, e que contava com

equipes de menores de clubes varzeanos e profissionais (Esta é a tabela do futebol dos meninos, 1970). Com nova divisão, que melhor distribuía as crianças segundo a idade, a disputa ocorreu no mesmo ano em que um certame semelhante foi criado na cidade de São Paulo (Florenzano, 1998, p. 37).

A nova perspectiva de formação de atletas repercutia na organização das categorias menores das agremiações. Ao longo da década de 1970, a maior segmentação dos jogadores segundo a faixa etária se consolidou, com a remodelação da classificação genérica petiz, à qual se acrescentava o dentinho e o dente de leite (Olimpíada da Católica, um torneio de todos os esportes, 1979). Se, entre os mais envolvidos com os clubes varzeanos e inseridos numa *cultura esportiva popular*, o interesse principal seguia voltado para a atuação do time “amador” – masculino adulto –, para os veículos de imprensa e aqueles mais alinhados ao futebol espetáculo, a perspectiva da formação de novos talentos desde tenra idade movimentava iniciativas de exploração comercial e midiática das competições de garotos. Em 1979, o Diário da Tarde comentava sobre nova iniciativa do gênero:

Desta vez, a Reunião da Associação dos Clubes Amadores de Minas Gerais, realizada no Palácio do Rádio foi um sucesso absoluto. [...] Serão ainda promovidos torneios de Petiz, Dente de Leite e Juvenil, também para os clubes, com todos os jogos sendo disputados domingo de manhã e possibilidades de televisionamento pela TV Alterosa. (Técnicos da Várzea vão ouvir Coutinho, 1979)

A escolha dos domingos de manhã revelava um esforço de racionalização do uso dos campos, com o escalonamento dos horários por categoria, sendo que, ao masculino adulto, prevalecia a reserva do principal turno, o domingo à tarde. O torneio dente de leite da Associação dos Clubes Amadores de Minas Gerais, realizado ao longo de 1980, contou com a participação de 50 equipes de Belo Horizonte e de sua região metropolitana (Um grande torneio de garotos, 1980), recebendo constante cobertura do Diário da Tarde que repercutia cada rodada em detalhes (Notícias da Várzea, 1980a).

No processo de dinamização de atividades do Departamento de Futebol Amador, com a ampliação do número de filiados, a incorporação de novas categorias também seria observada. Além dos juvenis que tradicionalmente atuavam em competições organizadas pela entidade, a partir de 1983 foi criado o campeonato infantil para atletas de 13 a 15 anos (Notícias da Várzea, 1983g).

Ainda durante a criação da política nacional de esportes, na década de 1940, noções de disciplina das classes populares, em especial da juventude, com o afastamento de vícios e más influências, orientavam a defesa das atividades atléticas (Parada, 2009; Souza, 2008). Tal visão seria atualizada nos anos 1970 e 1980, frente aos novos perigos sociais difundidos por órgãos estatais e pela imprensa. Em 1982, o Diário da Tarde publicou ampla matéria que alertava sobre o risco do consumo de drogas, citando acordos internacionais recentemente assinados pelo Brasil para o controle do uso e de medidas do Conselho Federal de Entorpecentes, o Confen e de outros órgãos da União:

O Ministério da Educação e Cultura pretende desenvolver nas escolas de primeiro e segundo grau de todo o País, a partir do próximo ano, um trabalho contra o uso de drogas, alertando os alunos para as consequências do consumo de tóxicos. “É importante que se introduza nas escolas um processo educativo que vise à prevenção ao uso de tóxicos, desde que o Ministério da Justiça reprima o tráfico dessas drogas”. (Alerta geral, 1982)

O alinhamento do país a uma política internacional de combate às drogas ilícitas implicava na realização de ações que iam de campanhas publicitárias e informativas até a repressão ao tráfico de entorpecentes. A difusão dessas ações contribuía para que a ideia de uma ameaça às juventudes, em especial às mais pobres, ganhasse força. Grupos, a exemplo de associações evangélicas, lançavam-se na missão da regeneração do que qualificavam como “jovens viciados e delinquentes” (Uma esperança para jovens delinquentes, 1976). Rapidamente a prática esportiva seria apresentada como antídoto ao uso e abuso de tóxicos, como ressaltava a manchete “Quem faz esporte não puxa fumo” que relatava experiência estadunidense de prevenção às drogas por atividades atléticas (Quem faz esporte não puxa fumo, 1977).

Em meio a esse debate, os varzeanos e seus representantes assumiriam, especialmente por meio das atividades com as categorias menores, o papel de condutores de medidas de prevenção à introdução de crianças e adolescentes no consumo de drogas ilícitas. Durante a tramitação de projeto de lei estadual para geração de recursos para o esporte por meio da loteria, um deputado apresentou justificativa de emenda em favor do amadorismo que, dentre outros, ressaltava:

JUSTIFICAÇÃO: Além de celeiro inesgotável de craques, juízes e dirigentes para o profissionalismo brasileiro, o futebol amador representa uma grande conquista social, eis que afasta dos ambientes perniciosos à sua formação moral e até física, os nossos jovens que se congregam em torno das agremiações varzeanas. [...] Esta emenda, sem nenhuma dúvida, ensejará um autêntico e verdadeiro ato de justiça, pois premiará com um reconhecimento a gloriosa tarefa daqueles que, congregando a juventude, afasta-a dos tóxicos, dos entorpecentes, dos caminhos tortuosos do crime e a prepara, através da disciplina e do amor que o esporte oferece, para um futuro saudável e promissor. Deputado Rufino Neto (Otacílio mostra o que está fazendo pelo futebol amador, 1980)

Transformações sociais reposicionavam a centralidade de categorias menores para atividades dos clubes. Ainda que essas não concentrassem as principais preocupações dos dirigentes das agremiações, passavam a servir de estratégia de afirmação da relevância social da manutenção das entidades e de seus espaços de jogo. Se na maior parte dos casos o quadro “amador” seguia sendo o foco da atuação das entidades, em certas ocasiões o ingresso em disputas de base, como as da então criada classe de juniores, era possibilidade de entidades varzeanas enfrentarem, com equilíbrio de forças, as tradicionais associações profissionais.

As décadas de 1940 e 1950 foram marcadas por intersecções entre os clubes aderentes ao profissionalismo e aqueles que mantinham o estatuto amador, permitida por um frágil e incipiente sistema de remuneração dos atletas. Nessa medida, varzeanos e grandes clubes disputavam a contratação de atletas, em regime de relativa equidade de condições. Com a maior estruturação do espetáculo esportivo na cidade, principalmente após a inauguração do estádio do Mineirão, em 1965<sup>37</sup>, já não havia a possibilidade de equilíbrio competitivo entre equipes dos dois circuitos.

<sup>37</sup> Sobre a construção do Mineirão ver Schetino (2014).

Nessa nova conjuntura, passava a ser nos campeonatos de juniores que confrontos entre times originados desses dois universos poderiam ser reeditados. Nesse sentido, três agremiações belo-horizontinas se destacaram nos anos 1980, o Santa Cruz (Soares, 2016), o Venda Nova (Sá, 2016) e o Santa Tereza (Santos, Matias, 2018).

O caso dessa última equipe é exemplar de uma mudança de perspectiva de atuação dentre os clubes que integravam a elite do circuito varzeano local. Situado no bairro homônimo<sup>38</sup>, o Santa Tereza passou a representar força tradicional do amadorismo local, tendo sido pentacampeão do DFA nos anos 1940 (Títulos conquistados pelo Santa Teresa, 1950). Ao final dos anos 1970, foi assumido por nova direção, capitaneada por um empresário do jogo do bicho e um ex-atleta, os quais passaram a enfatizar a atuação do clube na formação de atletas, para o que foi construída toda uma estrutura de treinamento, com campo, refeitório e alojamentos. Ao longo dos anos 1980 e 1990, os times infantil, juvenil e de juniores do clube tiveram atuação destacada, com a conquista do título mineiro infantil de 1984, juvenil de 1992 e de juniores de 1987 e 1993, em competições que contavam com a participação das principais agremiações do profissionalismo. Ao mesmo tempo, o clube abandonou o foco central nos “amadores” – homens adultos –, que tiveram atuação apenas discreta no mesmo período (Santos; Matias, 2018).

Santa Cruz e Venda Nova fizeram opção parecida, já que, em ambos os casos, houve a construção de centros de treinamento para as categorias menores, ainda que continuassem a dar importância às disputas dos “amadores”. A valorização e o interesse externo pela formação de atletas fariam com que esses e outros clubes do circuito varzeano passassem a dispensar maior atenção para as equipes mais jovens<sup>39</sup>. A nova dinâmica do espetáculo futebolístico e do sentido social do esporte permitiria que crianças e adolescentes ganhassem espaço nas agremiações. Na mesma medida, novas possibilidades de experimentação das atividades

---

<sup>38</sup> O bairro Santa Tereza teve ocupação já no início do século XX. Nos anos 1920, sua urbanização foi acelerada, com a presença de militares, funcionários públicos e operários. Na parte baixa, próximo ao Ribeirão Arrudas, registrou a formação de favelas. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

<sup>39</sup> Dois estudos que tratam da formação de atletas na várzea de São Paulo são: Silva (2017) e Spaggiari (2015).

atléticas abririam campo para outro grupo masculino até então pouco representado.

## OS VETERANOS

Nas tradições varzeanas, a realização de partidas entre atletas veteranos era algo comum, especialmente em contextos de festivais (Acontecimento de realce nas atividades do futebol amador, 1951) e de jogos festivos (O Edis vai enfrentar o Panair, 1952), formas de disputa consolidadas na cultura esportiva popular (Ribeiro, 2021). A participação de futebolistas experientes, componentes das diretorias das agremiações amadoristas, poderia ser motivo de interesse, uma oportunidade dos mais jovens verem atuar nomes que marcaram época (A Floresta descera em peso, 1949). Mas igualmente poderia ser motivo de troça, dada a má forma dos contendores, como no anúncio que dizia que: “Os amantes do futebol caricato terão um bom motivo para ir amanhã cedo ao campo do Renascença. Ali jogarão os quadros do ‘Edis’ E.C. e da ‘Panair do Brasil’ F.C., composto na sua maioria de veteranos, antigos ‘astros’ do passado” (O Edis vai enfrentar o Panair, 1952). Ao referir-se à disputa entre a representação do Legislativo Municipal e a da empresa aérea, o cronista do Diário da Tarde qualificava a partida como demonstração do “futebol caricato”.

Como apontava a defesa dos exames para atletas e o discurso médico de meados do século XX, havia grande temor quanto aos riscos do esforço atlético, especialmente entre os portadores de cardiopatias, tema de um anúncio do laboratório *Squibb*:

Figura 1 – Anúncio *Squibb produtos farmacêuticos*, 1950.



Fonte: Diário da Tarde, Belo Horizonte, p. 7, 22 de agosto de 1950.

O anúncio da empresa farmacêutica trazia alertas sobre os perigos do esforço físico para homens portadores de doenças do coração, ressaltando a incompatibilidade entre essas más formações e a realização de atividades intensas, especialmente para aqueles acima de 40 anos de idade. A série de imagens reforçava a receita de uma vida segura: exames regulares, controle do peso, ausência de sobrecarga nas práticas atléticas e preferência por lazeres amenos com a família.

Preocupações similares se refletiam no próprio ordenamento do futebol, o qual preconizava que, a partir dos 35 anos, jogadores só seriam autorizados à prática esportiva no caso de se submeterem a exames ante uma junta médica e conseguirem uma autorização especial. Essa regra levou a um intenso debate sobre a escalação de um atleta de 39 anos por uma equipe durante a disputa do campeonato do Departamento de Futebol Amador, em 1950 (O limite máximo de idade para atleta, 1950). Nessa medida, participações de veteranos em disputas varzeanas restringiam-

-se a momentos pontuais; ainda que esse grupo se mantivesse ativo, seja integrando os segundos quadros dos clubes ou organizando peladas pelos campos de terra, havia preocupações e restrições ao seu engajamento em competições que demandassem maior intensidade física<sup>40</sup>.

Se, por um lado, o futebol das categorias menores representa uma liminaridade do auge da masculinidade esportiva, um momento de socialização do jovem jogador, ainda sem o vigor e a agressividade esperados, para, aí sim, o ingresso na efetiva disputa, por outro, a passagem à condição de veterano representa o extremo oposto dessa fronteira. A progressiva decadência física implicaria na incapacidade de suprir as exigências da participação no alto rendimento. A perda da vitalidade significaria o próprio abalo da virilidade. Interessante notar o papel cumprido pelos segundos quadros, nos quais os melhores dentre os mais jovens e dentre os mais velhos se encontram, um espaço de trocas de experiência e de preparo para a transição que afetará ambos<sup>41</sup>.

A representação da várzea como o “celeiro de craques”, com a celebração de inúmeros jogadores que acessaram o *circuito* de espetáculo, encontra na atuação dos veteranos seu contrário. Esse espaço significa para eles um local de retorno, um porto seguro para o qual voltam os atletas envelhecidos após sua aventura pelo profissionalismo. Um caso exemplar dessa realidade foi a equipe do Raposão, com longa trajetória no *circuito* varzeano da capital mineira. Formada por antigos craques do Cruzeiro, dedicou-se à participação em amistosos, festivais e excursões desde os anos 1950 (Nova exibição do Raposão, 1950), mantendo-se ativa ainda na década de 1980.

Se a equipe do Raposão representava o desejo de antigos atletas seguirem ativos, exibindo-se em Belo Horizonte e no interior, uma nova forma de atuação de veteranos egressos do profissionalismo se apresentava no final dos anos 1970. Era um período de reorganização das associações de trabalhadores no Brasil, à qual os futebolistas não ficaram alheios:

---

<sup>40</sup> Luiz Carlos Rigo ressalta a criação tardia de equipes de veteranos nos clubes da cidade de Pelotas. (Rigo, 2004)

<sup>41</sup> Fenômeno semelhante é observado por Marco Paulo Stigger, nas peladas de veteranos que contam com a presença de jovens para completar os times. (Stigger, 1997)

Independente dos resultados em campo, das rivalidades clubísticas, dos campeonatos, das partidas disputadas, os jogadores conquistaram em 77 uma grande vitória: a criação da AGAP – Associação de Garantia ao Atleta Profissional, com sede na Av. do Contorno, 4.505. Ela foi fundada em dezembro de 76, e começou a funcionar em agosto deste ano, procurando dar total assistência ao atleta profissional, amador, ex-atletas. [...] O seu objetivo primeiro é o de conscientizar o atleta de seus direitos e deveres. [...] Além disto, a Associação tem interesse em promover cursos profissionalizantes, palestras, assistência financeira, distribuição de bolsas de estudos. [...] A mensalidade é calculada em 8% do salário de referência e cada tipo de sócio tem uma contribuição diferente. (AGAP, 1977)

A fundação da Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP) tinha por principal idealizador o ex-jogador Wilson Piazza. Tão logo a entidade representativa foi formada, sua direção organizou uma seleção de veteranos, com diversos futebolistas renomados do passado, a qual começou a realizar, principalmente, excursões pelo interior do estado como mecanismo para arrecadação de fundos para a instituição (Notícias da Várzea, 1982d; Notícias da Várzea, 1983a). A promoção de partidas de exibição por antigos craques tinha mais representantes pelo país naquele período, a exemplo do Milionários F. C. que contava com Garrincha, Djalma Dias e Djalma Santos, dentre outros (Falta um semifinalista no classista, 1978).

A experimentação esportiva para veteranos não se restringia a atletas egressos do profissionalismo, de modo que um sem número de anônimos ocupava os campos de terra da cidade, sendo tradicionais as realizações de peladas no primeiro horário do domingo, inaugurando as atividades do espaço de jogo naquele dia (Pimenta, 2016; Souza, Santos, 2016). Alguns clubes seriam criados com o intuito de reinserir os mais velhos em uma nova vivência esportiva, sem a preocupação com a competitividade, como foi o caso do Veteranos Unidos da Vila Oeste que agrupava ex-integrantes do Reunidos e do Alvorada dois clubes da Vila Oeste<sup>42</sup> filiados ao DFA (Silva, 2016).

---

<sup>42</sup> A Vila Oeste teve ocupação urbana a partir da década de 1930, por grupos trabalhadores variados. Apesar disso, por longos anos, manteve-se pouco articulada à porção central da cidade, já que não havia transporte direto até ali, conectava-se por meio do acesso à estação de trem da Gameleira. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

Se o costume varzeano das peladas e das partidas de veteranos havia atravessado décadas, mobilizando os atletas mais experientes, novas tendências culturais ajudavam a enfatizar a importância do ativismo físico desse grupo, em especial a campanha nacional “Esporte para todos” que teve destaque no final dos anos 1970 (Linhales, 1996). Nesse contexto, o discurso médico de restrição à prática física dos homens mais velhos perdia espaço para a defesa da massificação dos exercícios e o combate ao sedentarismo. Ainda assim, por anos as disputas de veteranos seguiriam restritas a embates avulsos. Ao contrário das categorias menores, cujas competições oficiais foram criadas nos anos 1980, para esse grupo, tal movimento só se verificou na década seguinte (Silva, 2018). A várzea se ampliava, novos grupos masculinos se engajaram mais intensamente com as disputas esportivas e receberam reconhecimento dos envolvidos com o *circuito*. Esse movimento de expansão de fronteiras, vivenciado nos anos 1970 e 1980, não estava, contudo, terminado, já que outro segmento ainda se afirmaria, assumindo novo protagonismo nesse universo.

## AVÁRZEA TAMBÉM É DELAS

A política nacional de esportes, do início dos anos 1940, conduziu à institucionalização do meio varzeano, com a criação de entidade oficial atrelada à Federação Mineira de Futebol – FMF. Em sua abrangência, o Decreto-Lei 3.199/1941 teria outros efeitos sobre a organização do futebol no país, incluindo a proibição de sua prática por mulheres<sup>43</sup>. Uma normativa do Conselho Nacional de Desportos – CND, ainda em 1941, considerou que a modalidade não era atividade conforme a natureza feminina e a colocou no rol dos esportes vedados a elas (Ribeiro, 2023).

Nessa medida, desde o início da década de 1940, tentativas de organização de embates futebolísticos entre mulheres eram passíveis de intervenção do CND e das forças públicas para a sua proibição. A vedação legal da prática da modalidade dialogava com visões da época quanto

---

<sup>43</sup> Dentre artigos que examinam o momento da proibição do futebol de mulheres, pode-se citar: Costa (2017), Franzini (2005), Goellner (2005), Mourão e Morel (2005).

à inadequação entre o ativismo esportivo e padrões de feminilidade (Veado, 1951; Albuquerque Junior, 2013).

Se a proibição não significou a falta de envolvimento feminino com o futebol, em seus mais diferentes aspectos, como demonstrava sua participação no cotidiano das agremiações de bairro, não é possível falar em acesso igual às experiências esportivas. A crônica especializada era um desses campos de interdição, como dava a ver a iniciativa de uma coluna de comentários femininos sobre o tema no *Diário da Tarde*, em 1953:

Cantinho Feminino... O que apresentará esta matéria, com o decorrer do tempo na página esportiva deste travesso, mas brilhante vespertino, com o título fixo desta natureza, capaz de agradar um grupo e deixar desconfiado um outro? Muito simples, leitor. Afinal de contas isto é uma idéia de Domingos Dangelo que Afonso de Souza resolveu aproveitar e executar. Acharam pela cidade o elemento feminino, avis-rara no jornalismo esportivo nacional, por falta de iniciativa ou de oportunidade para comentar, incentivar fatos e pessoas do esporte. Mas no incentivo está incluída implicitamente a crítica. (Lolita, 1953, p. 7)

Com apenas duas publicações no periódico, a primeira sob o nome de “Cantinho Feminino Esportivo” e a segunda intitulada “Chute de Eva” (Lolita, 1953, p. 11), a tentativa de produção de uma voz feminina acerca do esporte seria interrompida. Essa breve presença ajudava a clarear uma longa ausência, a qual se estendia também para os campos. Referências vindas de agências internacionais permitiam emergir uma imaginação sobre a prática efetiva do futebol por mulheres, como o caso da atleta albanesa Mjryan Feliti que figuraria na seleção masculina de seu país (A melhor “crack” da Albânia é uma linda jovem de 20 anos, 1954).

Apesar da interdição, há registros de partidas entre mulheres no Brasil durante a proibição<sup>44</sup>. Em Belo Horizonte, em 1957, um jogo marcante foi a disputa entre dois quadros femininos do Araguari Atlético Clube, da cidade homônima, uniformizados como Atlético e América, realizado no estádio Independência, como preliminar do embate entre o campeão mineiro e a seleção dos melhores do ano em Minas Gerais, promoção dos Diários Associados. Para que o certame acontecesse, o jornalista responsável teve que se ausentar da cidade, de modo a não receber a

<sup>44</sup> Para casos em São Paulo e no Rio Grande do Sul ver Silva (2015), Rigo, Guidotti, Theil e Amaral (2008).

intimação do CND para a suspensão do evento (A mulher entrando em campo, 1984). Partidas em festivais esportivos também foram registradas na cidade de Vespasiano, vizinha à capital, no final dos anos 1960 (Ribeiro, 2018).

A proibição do futebol de mulheres pelo Decreto-Lei 3.199/41 foi atualizada na Ditadura Civil-Militar, por meio de deliberação do Conselho Nacional de Desportos que incorporou modalidades recém-criadas como futebol de salão e futebol de praia ao rol daquelas consideradas em desacordo com a natureza feminina (Conselho Nacional de Desportos, 1965). A partir daí, seguiria uma fase de recrudescimento da interdição.

O final dos anos 1970 foi marcado pela emergência de novos discursos feministas. Em um contexto de enfraquecimento do regime ditatorial e de diálogos com ideias e movimentos originados na Europa e nos Estados Unidos, observavam-se questionamentos à discriminação das mulheres (Lage, 1977). Temas como o mercado de trabalho e a necessidade de salários equiparados, divórcio, aborto, agressões e homicídios contra mulheres eram recorrentes no período (DT-Debates, 1978).

Outra frente de atuação do grupo na época tratava-se da luta pela anistia aos exilados e aos presos políticos, conduzida pelo Movimento Feminino pela Anistia (Quinze mil mulheres na luta pela anistia, 1977) que tinha em Belo Horizonte um de seus principais núcleos. Em evento promovido pela organização como parte das atividades pelo Dia Internacional da Mulher, uma de suas integrantes, a física e professora da UFMG Beatriz Alvarenga aproximaria a luta feminista da temática do futebol:

Beatriz fez uma extensa análise da atual condição da mulher, principalmente na área trabalhista e na educação familiar do brasileiro em geral. Falando sobre a educação da família brasileira, a professora afirmou que “nossa criação fez e faz com que a mãe afaste o filho da cozinha, justificando a ele que isso seria serviço de mulher, enquanto, por outro lado, proíbe a filha de jogar futebol e outras atividades tidas como masculinas”. (Mineiras lutam pela anistia e pelos direitos da mulher, 1978, p. 3)

A fala da professora e ativista demonstrava que a imposição de constrangimentos à prática do futebol pelas mulheres inseria-se no vasto espectro de questões que norteavam os debates conduzidos pelos movimentos

feministas do período. A transformação social pensada por aqueles grupos também passava por renovações no universo esportivo.

A proliferação de ideias de emancipação feminina, com o questionamento de restrições à participação de mulheres em vários setores da sociedade repercutiria no futebol de várzea. Dentre as centenas de equipes inscritas na Copa Arizona, grande torneio de várzea realizado no final dos anos 1970, algumas chamavam a atenção pela presença de presidentas, como a manicure Valdivina Rosa de Melo à frente do Bangu Atlético Clube (Ela sabe dirigir um salão de beleza, 1977) ou a psicóloga Miriam Artuzo que dirigia o time classista do Minas-Forte (Uma psicóloga dirige o time do Minas-Forte, 1978).

A participação feminina tornava-se mais marcante nas arquibancadas, com destaque para a torcida da Associação Ferroviária Esportiva, como publicou o Diário da Tarde:

A Ferroviária possui três torcidas. Uma é o Dragão Vermelho, a torcida feminina do clube. Ela comparece aos campos uniformizada. Sua organizadora é Neuzizia. Entre suas componentes estão Verinha, Loura, Aninha, Taninha e Cleuza. Seu lema é acompanhar o time onde ele estiver. (Ferroviária Esportiva, 1979, p. 21)

A criação da torcida feminina implicava em mais responsabilidade e protagonismo para as mulheres do que apenas comporem um grupo liderado por homens. Toda a coordenação do coletivo passava pelas participantes. Outras agremiações varzeanas registrariam organizações semelhantes no período, mostrando que o Dragão Vermelho não era um fato isolado (Silva; Costa; Pereira, 2017; Souza; Isaac; Isaac, 2017).

O regulamento da Copa Arizona previa a indicação de uma candidata à rainha por cada equipe. A competição paralela servia ao Diário da Tarde que produzia conteúdos variados acerca das concorrentes, explorando as imagens e a presença feminina em sua sessão esportiva. Dentre as postulantes, o jornal destacou a representante do Cruz de Malta, Valdívia Navarro:

Valdívia Ribeiro Navarro, de 24 anos, será a candidata do Cruz de Malta F.C., do bairro Sumaré, no concurso de rainha da IV Copa Arizona.

- “Eu já tive várias experiências em desfiles anteriormente. Já fui rainha da Pipoca e da Primavera no Grupo Ricardo de Souza Cruz, no Caiçara, onde estudei. Fui rainha do Samba em São Paulo, da Nova [Granada]. E agora, sou rainha do Cruz de Malta”, disse a bonita candidata do Cruz de Malta. Valdívnia morou durante dois anos em Bauru, no interior de São Paulo. E jogava futebol de salão. “Lá, em Bauru, o Noroeste tinha duas equipes femininas de futebol de salão. Eu era ponta esquerda, e meio-campo. Lá eles me gozavam, dizendo que eu caía muito”. (A rodada de amanhã sai hoje no palácio do rádio, 1978, p. 17)

Com participação em concursos de rainha, Valdívnia também se destacava pela sua vivência esportiva, tendo atuado como atleta do Noroeste de Bauru no futebol de salão. As diferentes aproximações das mulheres das equipes varzeanas estavam ligadas ao gosto pela modalidade, o qual também se expressaria pela prática ativa do jogo.

Assim como a rainha do Cruz de Malta, apesar da proibição, mulheres praticavam o futebol na cidade, ainda que não pudessem organizar equipes e participar de disputas sistemáticas. Foi o que revelou reclamação endereçada à seção “Alô! Alô!” do Diário da Tarde, em 1977:

- Era só o que faltava!  
- O que?  
- Pelada mista e noturna!...  
- Pelada mista?  
- Isso mesmo. Na rua Vicentina de Souza, atrás do campo do Sete de Setembro, entre São Felipe e Santa Clara, aqui, na Sagrada Família. Moleques de toda ordem, pivetes, maconheiros. E moças no meio, jogando bola até às 23 horas. Não respeitam ninguém. [...] (Alô! Alô!, 1977, p. 2)

Segundo a reclamação de morador do Sagrada Família<sup>45</sup>, bem nas proximidades do estádio Independência, uma pelada que reunia garotos e garotas acontecia com frequência, dando a ver uma das tantas estratégias para a vivência feminina do futebol mesmo em contexto de proibição. Ainda no ano de 1977, uma partida entre times formados por mulheres era anunciada:

---

<sup>45</sup> O Sagrada Família originou-se da junção de três vilas operárias da década de 1930: Maria Brasilina, Mauá e São João. Não se vinculava a uma atividade econômica específica, ainda que estivesse nas proximidades do bairro ferroviário do Horto. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

Para quem gosta de ver mulheres jogando futebol, o que sempre é uma atração, a oportunidade vai surgir em Betim: o Sete de Setembro Futebol Clube promove, amanhã, uma festa esportiva, tendo sido incluída no programa a apresentação de equipes femininas. Elas formaram duas equipes: do próprio Sete e da Associação Atlética Barreirinho, vestindo as camisas do Atlético e do Cruzeiro. (Betim faz festa com futebol de mulheres, 1977, p. 20)

Realizada em um final de ano, como parte do festival de uma agremiação amadora da vizinha cidade de Betim, a disputa apontava que o circuito varzeano e as disputas próprias de uma cultura esportiva popular<sup>46</sup> seriam espaço propício para a retomada da prática do futebol de mulheres. Ao longo de 1978, certames do tipo seriam registrados em Belo Horizonte, como na comemoração do 32º aniversário do Bonsucesso (Classista, festivais e amistosos movimentam a várzea hoje e amanhã, 1978) ou na festa do Maravilha, do bairro Santa Maria<sup>47</sup>, onde se enfrentaram os times femininos do Maravilha e do Flamengo (CEMIG vibra com seu torneio início, 1978).

As iniciativas de organização de partidas femininas pontuais em meio a festivais de entidades varzeanas eram a primeira demonstração da retomada da prática do futebol pelas mulheres. Elas evidenciavam a existência de uma rotina de treinos ou de disputas de menor visibilidade, difícil de ser documentada. Se a vivência ocasional da modalidade já era possível, o próximo passo seria a maior organização para que, assim como os homens, elas pudessem se engajar na manutenção de um calendário ininterrupto de fins de semanas com jogos.

Enquanto as mulheres experimentavam cada vez mais a modalidade em Belo Horizonte, no contexto esportivo nacional, a interdição à prática feminina do futebol era revista pelo Conselho Nacional de Desportos que estabeleceu, em dezembro de 1979, a remoção da proibição. Seus efeitos, no entanto, eram condicionados à regulamentação da entida-

---

<sup>46</sup> Aira Bonfim aponta que as primeiras disputas de futebol entre equipes femininas no início do século XX se deram justamente durante festivais esportivos. (Bonfim, 2019)

<sup>47</sup> Bairro de ocupação recente, em meados do século XX, o Santa Maria teve seus loteamentos aprovados em 1970. Situado na parte noroeste da cidade, nas proximidades da divisa com o município de Contagem, às margens da BR-040. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

de internacional, no caso a FIFA. Portanto, mesmo sem uma vedação expressa, a modalidade seguia não reconhecida (Silva, 2015).

Nesse período, já se identificava a formação de equipes femininas associadas aos clubes varzeanos. O caso mais notório foi o do Panterloco que, como indicava reportagem:

A equipe de futebol feminino do Panterloco Esporte Clube, do bairro Concórdia – a filial do Inconfidência (o time feminino tem outro nome – (sic) participou no último domingo de um festival esportivo de aniversário do Novo Oriente, do bairro Serrano. [...] Oficialmente, o Panterloco foi lançado no dia 15 de agosto de 78 (embora já existisse extraoficialmente há mais de quatro anos). (Mais um time de futebol feminino, 1980, p. 18)

Em outra reportagem, foram indicadas novas informações sobre a constituição do time:

O Paterloco (sic), do bairro Concórdia, tem uma história: foi o primeiro a adotar o futebol feminino em Minas, muitos anos antes de sua legalização. Primeiro era apenas uma brincadeira de fins de semana: as moças se reuniam e faziam um animado jogo entre (sic) casadas e solteiras. Depois fundou-se dois times (do mesmo bairro), Panteras e Locomotivas. Em 78, fundiu-se num só, o Panterloco, que tem diretoria independente (sic) (o presidente e também técnico é Péricles Gonçalves Filho). (Panterloco, o pioneiro do futebol feminino, 1983, p. 30)

A presença do retrato da equipe do Panterloco nas páginas do Diário da Tarde significava a veiculação de uma imagem inédita para o *circuito* varzeano:

Figura 2 – Equipe do Panterloco, 1980.



Fonte: Notícias da Várzea. Diário da Tarde, Belo Horizonte, p. 16, 29 de outubro de 1980b.

A trajetória do Panterloco evidencia inúmeros aspectos do desenvolvimento do futebol de mulheres. A começar pela precocidade da prática, a qual se iniciou muitos anos antes da própria constituição do clube, ou seja, ainda na primeira metade da década de 1970. Começando por jogos festivos, como as partidas casadas x solteiras, as integrantes foram lentamente avançando até a constituição de duas equipes que, por fim, se fundiram, no final de 1978, para a criação da agremiação. Ou seja, toda uma trajetória que se deu ao longo do período da proibição.

A imagem posada do time também é reveladora do perfil, se não de todas as mulheres que compunham a equipe, ao menos daquelas que competiam nas principais disputas. Duas características saltam aos olhos: a juventude e a negritude das atletas. Originárias do bairro Concórdia<sup>48</sup>, região de forte tradição operária e popular, com notáveis expressões da cultura afro-brasileira local, como escolas de samba, guardas de congado e terreiros de candomblé (Arreguy; Ribeiro, 2008), as carac-

<sup>48</sup> A Vila Concórdia foi a primeira vila operária criada em Belo Horizonte, no final dos anos 1920. Para lá foram transferidos antigos moradores do Barro Preto e de áreas desocupadas no que se tornariam os bairros de Lourdes e Santo Agostinho. (Arreguy; Ribeiro, 2008)

terísticas étnicas das atletas articulam-se com a trajetória da comunidade do lugar. Sua pouca idade igualmente aponta para condições do engajamento esportivo feminino e para as dificuldades da manutenção da prática na idade adulta, com as imposições do trabalho, tanto fora de casa, quanto no ambiente doméstico, com poucas oportunidades de tempo livre.

Outro aspecto de destaque é a vinculação com os clubes estabelecidos no circuito varzeano, havendo uma relação dúbia entre eles e os times de mulheres. Se, por um lado, o Panterloco e outras equipes femininas se aproveitavam de campos e vestiários, por outro, ainda que vestissem as camisas das agremiações, o futebol de mulheres era quase sempre entendido como um projeto à parte, como demonstra a memória social sobre o tema<sup>49</sup>. Durante a realização dos festivais do Panterloco essa distinção ficava clara, uma vez que eram eventos de meio dia, apenas pela manhã, o que demonstrava que as integrantes da entidade, mesmo em uma ocasião tão especial, não tinham condições de conseguir o acesso integral ao espaço de jogo (Panterloco faz festa, 1982).

Em meio ao sucesso da Ferroviária durante a Copa Arizona, uma equipe feminina seria criada no clube, como relataram suas integrantes ao Diário da Tarde:

Apesar de proibição de futebol feminino no Brasil, alguns clubes mesmo assim o pratica (sic). E BH não foge à regra. Há pouco mais de um mês, foi fundado um time feminino. É Márcia Cristina, um dos destaques da equipe, quem explica: “De repente deu uma vontade louca em todas nós de fundar (sic) este time. Além de gostarmos muito de futebol, somos torcedoras de clube”.

Este clube é a Associação Ferroviária de Esportes, do bairro São Cristóvão. Uma agremiação muito conhecida no futebol varzeano de BH e da Região Metropolitana. [...]

O time feminino da Ferroviária: Isabel, Verinha, Rosa, Simone e Rita; Vânia, Loura e Márcia; Lucrécia, Roseli e Aninha. [...]

A idade média do time é de 18 anos. Todas as jogadoras acharam ótima a iniciativa de formar uma equipe feminina. (Futebol feminino, nova atração da Ferroviária, 1980, p. 18)

---

<sup>49</sup> Os times femininos são lembrados, em regra, como iniciativa de um núcleo autônomo que representava o clube sem integrá-lo efetivamente. (Oliveira; Gomes; Diniz, 2017; Soares, 2016; Vieira; Magalhães Junior; Silva; Herculano, 2017)

Das arquibancadas para o campo, a equipe de mulheres da Ferroviária originou-se da torcida feminina do clube. Verinha, Loura e Aninha, agora integrantes do time, foram algumas das aficionadas destacadas na reportagem do ano anterior, sobre o Dragão Vermelho.

Da mesma forma que nas agremiações varzeanas, das torcidas do profissionalismo originavam-se times femininos, a exemplo do Camisa 12, formado por apoiadoras do Cruzeiro. Já em 1981, a equipe viajava pelo interior, enfrentando selecionados locais (O futebol das mulheres, 1981). Excursões eram uma das formas das equipes de mulheres se manterem ativas. Elas também participavam de festivais (Notícias da Várzea, 1980b) e amistosos (Coordenação convoca Paulinho e Ilacir da Ferroviária, 1981), criando, assim, um calendário ininterrupto de fins de semanas com jogos.

A falta de uma regulamentação do futebol de mulheres que, apesar de ter tido a proibição suspensa, não tinha previsão oficial de existência, impedia a realização de competições chanceladas. Da mesma forma, impunha barreiras às agremiações do circuito de espetáculo para a criação de equipes femininas<sup>50</sup>, as quais se vinculavam a elas por meio de subterfúgios, a exemplo da Camisa 12 do Cruzeiro, que recorria a uma torcida organizada, e do time da Vila Olímpica do Atlético, que se associava ao clube de lazer da entidade (Notícias da Várzea, 1982a).

Mesmo sem a regulamentação do futebol de mulheres no país, competições do gênero começaram a ser disputadas. Coube ao Centro Social e Urbano do Eldorado, na cidade de Contagem, a promoção do primeiro campeonato metropolitano de futebol feminino que contou com nove times e teve a equipe do Camisa 12 como campeã (Notícias da Várzea, 1982c). No final de 1982, a competição teve sua segunda edição vencida pelo Benfica que enfrentou o Panterloco na final (Notícias da Várzea, 1982e; Notícias da Várzea, 1983e).

No início do ano seguinte, o futebol de mulheres avançava e ganhava novos palcos, dando a ver o rápido desenvolvimento por que passava. Como informou o Diário da Tarde:

---

<sup>50</sup> Giovana Capucim cita tentativas de criação de times femininos por clubes profissionais. (Silva, 2015)

O Camisa 12, que antontem jogou no Mineirão, fazendo a preliminar de Cruzeiro e Guarani – tornou-se o primeiro time feminino a se exibir naquele estádio – vai participar no Rio de um campeonato brasileiro, promovido pelo Radar. O Camisa 12 é um dos pioneiros na prática de futebol feminino. Foi campeão invicto da Taça Torneio do Povo, promovido em 82 pela Belotur e pela Prefeitura de BH, com a participação de 49 equipes. (Notícias da Várzea, 1983c, p. 18)

A equipe do Camisa 12 ganhava destaque por superar novas fronteiras para o futebol de mulheres. O time, que dois meses antes havia atuado em uma promoção beneficente ao lado da Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP), quando enfrentaram, respectivamente, uma seleção feminina e uma masculina de artistas no estádio Independência (Notícias da Várzea, 1983a), agora jogava no Mineirão. A notícia transcrita acima ainda se referia ao torneio feminino feito pela Prefeitura, com dezenas de times e aos preparativos do clube para o primeiro torneio nacional da modalidade.

Tudo isso ocorreu na semana que antecedeu à regulamentação do futebol de mulheres no país, cuja liberação, após posicionamento da FIFA, foi publicada em 11 de abril de 1983, estabelecendo a modalidade, inicialmente, como de caráter amador (Futebol feminino, I Mundial no Brasil, 1983). Sem a barreira imposta pelos órgãos oficiais, tudo levava a crer que um rápido desenvolvimento seria experimentado. Notícias como o sucesso na realização do I Torneio de Futebol Feminino, no Rio de Janeiro, com equipes de quatro estados diferentes (Notícias da Várzea, 1983d), e o jogo entre o Camisa 12 e o Bangu no Maracanã, como preliminar da disputa masculina entre Flamengo e Corinthians (No maracanã, as meninas do Camisa 12, 1983), reforçavam essas expectativas.

A partir da liberação, o Atlético oficializou a criação do seu time feminino, usando como base o Benfica, campeão do segundo campeonato metropolitano (Na preliminar, a versão feminina, 1983), e agregando atletas da Vila Olímpica. A equipe ainda seria acusada de tentar a contratação da principal jogadora do Camisa 12, a atacante Nunes. Ela, contudo, já teria estabelecido um acordo com o Cruzeiro que “se compromete a dar-lhe assistência médica, hospitalar e material esportivo, além de ajuda de custo, cujo valor é mantido em segredo, Nunes recebeu do Camisa 12 um

adiantamento de Cr\$ 20 mil<sup>51</sup>, como luvas” (Notícias da Várzea, 1983f, p. 18). Assim como na várzea, o estatuto amador não implicava na ausência de vantagens financeiras.

Com o atrativo da reprodução das rivalidades do futebol espetáculo, vivenciava-se a expectativa da organização da primeira competição oficial da modalidade no estado. Considerando-se seu caráter amador, coube ao Departamento de Futebol Amador da FMF a realização da competição que ainda contaria com a promoção do Diário da Tarde (Atlético, Cruzeiro e América vão disputar o futebol feminino, 1983). Enquanto se desdobravam as inscrições, foi realizada a primeira partida feminina oficial, com árbitros do quadro do Departamento de Futebol Amador, entre Panteras (antigo Panterloco) e Santa Cruz (Federação programa o primeiro jogo oficial de futebol feminino, 1983). Ao final, a competição contou com cinco equipes do interior, além de 11 clubes da capital (Na quarta, o arbitral do feminino de futebol, 1983). A decisão entre Atlético e Cruzeiro, vencida pelo primeiro, renderia extensa cobertura (Deu Galo também entre elas, 1983) e destaque na primeira página (Galo, 1º campeão feminino, 1983).

No ano seguinte, em 1984, seria realizado o I Campeonato Municipal de Futebol Feminino, dessa vez, organizado por um Departamento Feminino, criado na Federação Mineira de Futebol. A participação se restringia às equipes filiadas ao Departamento de Futebol Amador, sem o envolvimento dos times ligados aos clubes profissionais (FMF distribui dinheiro e isenta clubes de taxa, 1984). Rebatizado de campeonato amador feminino, a disputa contou com seis equipes de Belo Horizonte (Notícias da Várzea, 1984).

Apesar do bom desenvolvimento, o futebol de mulheres encararia desafios para sua afirmação, demonstrados já nos anos iniciais de sua retomada. Discursos sobre a violência do esporte e os riscos a que jogadoras se expunham estavam presentes (No clássico feminino, violência e vitória do Galo, 1983). Se por um lado, observava-se a fundação de equipes focadas exclusivamente na prática atlética, por outro, iniciati-

---

<sup>51</sup> Valor correspondente a pouco menos de um salário mínimo do período, cotado a Cr\$ 23.568,00. (BRASIL, 1982).

vas que exploravam comercialmente a imagem feminina, desvinculada do jogo, também eram identificadas. Foi o caso do Belô Esporte Clube que, nas palavras de seu diretor, Walter Lage:

- “Esse time é muito interessante e diferente. Possuímos (sic) três equipes femininas. Uma, de competição, com 26 jogadoras, que está disputando o Torneio “Léia Campos”. E duas de exibição apenas, praticando um “futebol-show”. São integradas por meninas de visual agradável. São quase quarenta meninas. O objetivo então é dar ao público um futebol divertido, de exibição (Belô tem planos para motivar o futebol feminino, 1983, p. 34).

A proposta de “um futebol divertido, de exibição”, “com meninas de visual agradável”, sem paralelo entre os homens, podia ser colocada, no mínimo, no campo do exótico, não trazendo contribuições à modalidade. No contexto varzeano, equipes femininas ainda enfrentavam a disputa de horários pelo uso dos campos. Entendido, em muitos casos, como projeto a parte, o futebol de mulheres, por vezes, seria preterido às categorias menores ou aos times “amadores”, vendo-se impossibilitado de manter um espaço de treinamento<sup>52</sup>.

Se, por um lado, a proibição imposta a partir de 1941 havia sido derrubada, por outro, as operações de generificação que afirmavam que o corpo feminino não era adaptado ao jogo e que aquela modalidade não se enquadrava aos padrões de feminilidade estavam longe de serem superadas. Ao longo dos anos 1980, apesar do começo promissor, as iniciativas do futebol de mulheres acabariam se escasseando, com a descontinuidade de competições e de equipes recém-fundadas.

Por meio desse breve panorama, buscou-se aqui apontar como, ao longo da conformação do *circuito* da várzea em Belo Horizonte, questões de gênero estiveram em pauta. Muito longe de serem aspectos naturais da experiência esportiva, baseados exclusivamente em fatores físicos, as inserções de grupos etários masculinos que fugiam ao padrão prevalente de virilidade, atribuído ao homem adulto jovem, dependeu de aspectos conjunturais que se transformaram ao longo do processo. Os debates sobre a socialização futebolística, a formação de atletas para o futebol

---

<sup>52</sup> Pasta da A.E. Tupinambás no Departamento de Futebol Amador. Acervo do Departamento de Futebol Amador da Capital / Federação Mineira de Futebol.

espetáculo e a prevenção do uso e abuso de drogas foram temas que atravessaram a vivência de crianças e adolescentes. Na mesma medida, a liminaridade imposta à condição do veterano tensionava discursos médicos, transição do profissionalismo de volta ao amadorismo e o desejo de homens mais velhos de se manterem integrados à prática competitiva do jogo.

No que se refere à experiência feminina, deve-se ressaltar que essas nunca foram ausentes das agremiações varzeanas, uma vez que, desde a conformação desse *circuito*, encontraram abrigo, especialmente, nos departamentos sociais, responsáveis pelas festividades e atividades comunitárias dos clubes. Contudo, por muito tempo, se viram apartadas da prática ativa do futebol, o que era respaldado não apenas pela proibição, mas também por visões generificadas que delimitavam os espaços destinados à mulher.

Foi no *circuito* da várzea que a constituição de equipes femininas de maior duração encontrou espaço, já em um contexto de enfraquecimento da proibição, como bem demonstra o exemplo do Panterloco, time feminino criado em meados dos anos 1970. Foi ainda no âmbito do futebol amador que as primeiras competições disputadas por mulheres aconteceram. Apesar desse pioneirismo, não se pode afirmar que era um meio em que as contradições de gênero estavam superadas, como ficou demonstrado pelo rápido arrefecimento do surgimento inicial de times femininos.

O apontamento de como essas questões atravessaram o *circuito* do amadorismo buscou aqui demonstrar a complexidade desse microcosmo no contexto urbano nacional. Em meio aos fins de semanas ocupados por jogos, uma série de disputas ocorria (e ocorre) dentro e fora de campo, dando a ver inúmeras contradições que permeiam o cotidiano popular das grandes cidades. Em sua aparente simplicidade, a várzea é uma inusitada janela para se pensar a realidade brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 5º ANIVERSÁRIO DO NATAL FC. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 2º caderno, 20 de dezembro de 1962;
- A FLORESTA DESCERÁ EM PESO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 28 de junho de 1949.
- A MELHOR “CRACK” DA ALBANIA É UMA LINDA JOVEM DE 20 ANOS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 19 de fevereiro de 1954.
- A MULHER ENTRANDO EM CAMPO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 2 de outubro de 1984.
- A RODADA DE AMANHÃ SAI HOJE NO PALÁCIO DO RÁDIO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 22 de abril de 1978.
- ACONTECIMENTO DE REALCE NAS ATIVIDADES DO FUTEBOL AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 28 de maio de 1951.
- AGAP: uma grande vitória dos profissionais em 77. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 24 de dezembro de 1977.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”: uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 43.
- ALERTA GERAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 13, 19 de junho de 1982.
- ALMEIDA FILHO, José Fernandes de [61 anos]; DIAS, José Gonçalves [77 anos]; ALMEIDA, Tadeu Felipe Fernandes de [27 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 12 mar. 2016.
- ALÔ! ALÔ! *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 1º de abril de 1977.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, polo y tango en la Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Deldragón, 2016.
- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas; RIBEIRO, Raphael Rajão (coord.) *Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Noroeste*. Belo Horizonte: Arquivo Público da Cidade, 2008.
- ATLÉTICO, CRUZEIRO E AMÉRICA VÃO DISPUTAR O FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 29 de junho de 1983.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 189-220.
- BELÔ TEM PLANOS PARA MOTIVAR O FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 34, 25 de julho de 1983.
- BETIM FAZ FESTA COM FUTEBOL DE MULHERES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 20, 31 de dezembro de 1977.
- BONFIM, Aira Fernandes. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à

proibição (1915-1941). 2019. *Dissertação* (Mestrado em História) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. *Decreto nº 87.743*, de 29 de Outubro de 1982. Fixa novos níveis de salário-mínimo para todo o território nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-87743-29-outubro-1982-437988-publicacaooriginal-1-pe.html>

CEMIG VIBRA COM SEU TORNEIO INÍCIO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 11 de novembro de 1978.

CLASSISTA, FESTIVAIS E AMISTOSOS MOVIMENTAM A VÁRZEA HOJE E AMANHÃ. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 19, 28 de outubro de 1978.

COELHO, Márcio Antônio [62 anos]; VALE, Bertolino do [63 anos]; JESUS, Gardoni Miguel de [52 anos]; MONTEIRO, Cristiano Fernandes [44 anos]. [mai. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 2 mai. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. *Deliberação nº 7*, de 7 de agosto de 1965. Disponível em: <http://cev.Org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

COORDENAÇÃO CONVOCA PAULINHO E ILACIR DA FERROVIÁRIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 11 de novembro de 1981.

CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Coord.). *História da virilidade - volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Leda Maria da. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, n. 13, Rio de Janeiro, p. 493-507, 2017.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez. 2018, p. 49

DEU GALO TAMBÉM ENTRE ELAS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 29, 19 de dezembro de 1983.

DT-DEBATES – A discriminação da mulher. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 13 de março de 1978.

ELA SABE DIRIGIR UM SALÃO DE BELEZA. E um clube de futebol. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 33, 14 de março de 1977.

ESTA É A TABELA DO FUTEBOL DOS MENINOS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 15 de maio de 1970.

FALTA UM SEMIFINALISTA NO CLASSISTA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 19, 5 de setembro de 1978.

FEDERAÇÃO PROGRAMA O PRIMEIRO JOGO OFICIAL DE FUTEBOL FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 8 de julho de 1983.

FERROVIÁRIA ESPORTIVA: um time que está brilhando na Copa este ano. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 9 de maio de 1979.

- FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho & Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998, p. 31-43.
- FMF DISTRIBUI DINHEIRO E ISENTA CLUBES DE TAXA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 5 de janeiro de 1984.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, São Paulo, p. 315-328, 2005.
- FRYDENBERG, Julio. *Historia social del fútbol*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.
- FUTEBOL FEMININO, I MUNDIAL NO BRASIL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 13 de abril de 1983.
- FUTEBOL FEMININO, NOVA ATRAÇÃO DA FERROVIÁRIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 23 de julho de 1980.
- GALO, 1º CAMPEÃO FEMININO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 19 de dezembro de 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989, p. 185-213.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n. 2, São Paulo, p.143-151, jun. 2005.
- GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud. A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol. In: GUEDES, Simoni L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói, EDUFF, 1998, 117-136.
- LAGE, Márcia. Luta secular da mulher contra a discriminação. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 10, 25 de setembro de 1977.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, Márcio Rodrigues de [68 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 13 jan. 2018.
- LIMA, Veiga. COLUNA DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 2 de setembro de 1964.
- LINHALES, Meily Assbú. A trajetória política do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996, p. 157-160.
- LOLITA. Cantinho Feminino Esportivo. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 11 de julho de 1953.
- LOLITA. Chutes de Eva. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 29 de julho de 1953.

MAIS UM TIME DE FUTEBOL FEMININO: o Panterloco. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 7 de novembro de 1980.

MAJORADAS AS TAXAS DA LES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 30 de dezembro de 1949.

MINEIRAS LUTAM pela anistia e pelos direitos da mulher. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 9 de março de 1978.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Márcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 2. Campinas, SP, p. 73-86, jan. 2005.

MYSKIW, Mauro. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NA PRELIMINAR, A VERSÃO FEMININA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 7 de maio de 1983.

NA QUARTA, O ARBITRAL DO FEMININO DE FUTEBOL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 5 de agosto de 1983.

NO CLÁSSICO FEMININO, VIOLÊNCIA E VITÓRIA DO GALO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 30, 25 de julho de 1983.

NO MARACANÃ, AS MENINAS DO CAMISA 12. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 16 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 26 de março de 1980.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 29 de outubro de 1980.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 30 de janeiro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 12 de fevereiro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 25 de março de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 12, 9 de outubro de 1982.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 4 de novembro de 1982;

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 18 de janeiro de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 28 de janeiro de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 5 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 8 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 12 de abril de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 6 de maio de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 33, 30 de maio de 1983.

NOTÍCIAS DA VÁRZEA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 13 de março de 1984.

NOVA EXIBIÇÃO DO RAPOSÃO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 18 de maio de 1950.

O D.F.A. NÃO CUIDA DO FUTEBOL JUVENIL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 4 de maio de 1949.

O EDIS VAI ENFRENTAR O PANAIR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 2 de agosto de 1952.

O FUTEBOL DAS MULHERES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 18 de setembro de 1981.

O LIMITE MÁXIMO DE IDADE PARA ATLETA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 13 de julho de 1950.

OLIMPÍADA DA CATÓLICA, UM TORNEIO DE TODOS OS ESPORTES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 21 de junho de 1979.

OLIVEIRA, José Pimenta Gomes de [71 anos]; GOMES, Pedro Pimenta [65 anos]; DINIZ, Marco Antônio [60 anos]. [fev. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 8 fev. 2017;

OTACÍLIO MOSTRA O QUE ESTÁ FAZENDO PELO FUTEBOL AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16, 12 de novembro de 1980

PANTERLOCO FAZ FESTA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 3 de janeiro de 1981;

PANTERLOCO, o pioneiro do futebol feminino. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 30, 18 de abril de 1983.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2009, p. 58;

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005

PEREIRA, Rosalvo Conceição [78 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 29 mar. 2016.

PILLON, Thierry. Virilidade operária. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (coord.). *História da virilidade – volume 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 391.

PIMENTA, Carlos Roberto [60 anos]. [mai. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 13 mai. 2016;

QUEM FAZ esporte não puxa fumo. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 25 de julho de 1977.

QUINZE MIL mulheres na luta pela anistia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 10, 24 de outubro de 1977.

- RIBEIRO, Laudelino Gonçalves [85 anos]; ARAÚJO, João Batista [67 anos]. [abr. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 22 abr. 2017.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. *A bola, as ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Rio de Janeiro: Drible de Letra/Multifoco, 2018, 211-217.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). *Mosaico*, v. 9, n. 14, Rio de Janeiro, p. 48-69, 2018.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. A várzea e a metrópole: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). *Tese* (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Escola de Ciências Sociais, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. Da proibição do futebol de mulheres: a atuação do Conselho Nacional de Desportos e a interdição esportiva feminina no Brasil (1941-1957). *Tempo*, v. 29, n. 2, Rio de Janeiro, p. 86-106, mai. 2023.
- RIGO, Luiz Carlos; GUIDOTTI, Flávia Garcia; THEIL, Larissa Zanetti; AMARAL, Marcela. Notas sobre o futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, mai. 2008.
- RIGO, Luiz Carlos. *Memórias de um futebol de fronteira*. Pelotas, RS: UFPEL, Editora Universitária, 2004.
- SÁ, Nival Dias de [64 anos]. [mar. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 29 mar. 2016.
- SANTOS, Ademilson dos [45 anos]; MATIAS, Valter Matos de [59 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 24 jan. 2018.
- SCHETINO, André Maia. Os gigantes e as multidões: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965). 2014. *Tese* (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade* (Porto Alegre). v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez 1995.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p.77-98, 2005.
- SILVA, Giovana Capucim e. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. *Dissertação* (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SILVA, Maria da Conceição [89 anos]; COSTA, Eliana da Conceição [62 anos]; PEREIRA, Carlos [51 anos]. [mar. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 10 mar. 2017;

SILVA, Nilton Graciano da [81 anos]. [ago. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 21 ago. 2016.

SILVA, Roberta Pereira da. Campo de terra, campo da vida: Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube. 2017. *Dissertação* (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SOARES, Claudio Henrique [64 anos]. [ago. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 19 ago. 2016.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil em ação! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 83-84.

SOUZA, Elias de [70 anos]; ISAAC, José [73 anos]; ISAAC, João [70 anos]. [fev. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 19 fev. 2017.

SOUZA, Sebastião Bento de [75 anos]; SANTOS, Helder Gonçalves dos [55 anos]. [abr. 2016]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 15 abr. 2016.

SPAGGIARI, Enrico. *Família joga bola: Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4, n.7, p.52-66, 1997.

TÉCNICOS da várzea vão ouvir coutinho. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 21, 28 de junho de 1979.

TITULOS conquistados pelo santa teresa. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5 e 7, 27 de maio de 1950.

TORNEIO “Elio Mosci”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 4 de agosto de 1950.

UM GRANDE torneio de garotos. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 18, 1º de fevereiro de 1980.

UMA ESPERANÇA para jovens delinquentes. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 30 de junho de 1976.

UMA PSICÓLOGA dirige o time do Minas-Forte. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 17, 29 de março de 1978.

VEADO, Lucia. Secção feminina. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 14 de fevereiro de 1951;

VIEIRA, Alúcio [60 anos]; MAGALHÃES JUNIOR, Márcio [30 anos]; SILVA, Nilton Pereira da [58 anos]; HERCULANO, Leonardo [30 anos]. [ago. 2017]. Entrevistador: Raphael Rajão Ribeiro. Belo Horizonte, MG, 10 ago. 2017.